



Rasuras da realidade

Divórcio, de Ricardo Lísias

Daiane Crivelaro*

Embora seu primeiro livro, *Cobertor de estrelas*, tenha sido publicado há quinze anos, Ricardo Lísias continua figurando no rol dos “jovens escritores”. Sua consagração se iniciou com a publicação e grande repercussão do romance *O livro dos mandarins*, em 2009. São os dois últimos, no entanto, que buscam um novo espaço temático, teórico e sobretudo literário para o escritor paulistano: *O céu dos suicidas*, de 2012, e *Divórcio*, de 2013.

Em ambos os romances, Lísias apresenta o espaço da subjetividade como um dos territórios mais acessados. Assim, submete as narrativas à recuperação de um narrador que, como diria Machado de Assis, exige um “leitor atento, verdadeiramente ruminante, [que] tem quatro estômagos no cérebro, e por ele faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduza a verdade que estava, ou parecia estar escondida”. De fato, quem se propuser a apresentar um resumo desses dois livros estará diante do mesmo problema que os leitores machadianos: *O céu dos suicidas* e *Divórcio* possuem antes reflexões que ações.

No romance de 2012, Ricardo Lísias, o narrador e personagem “revisitado”, perde o grande amigo André, que se suicida

* Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

após sucessivas recusas de sua aparente insanidade. O narrador, acossado pelo sentimento de culpa por não ter ajudado o amigo quando necessário, é movido por um surto: sem conseguir parar de ouvir gritos por todos os lados, caminha pela cidade afirmando que está “com a impressão de que o mundo começou a funcionar em voz baixa e em câmera lenta” (p. 67). Antigo colecionador, trabalha como instrutor de coleções, embora não tenha mais nenhuma: apenas as suas, já escassas e fragmentadas, memórias. Como forma de reencontrar uma linha a seguir, Lísias-personagem busca as origens de sua família libanesa, acreditando na possibilidade de resgatar sua vida anterior ao surto. Uma vez assumindo-a como busca vã, o Lísias-narrador chega à conclusão de que a literatura é o único espaço em que esse tipo de redenção se torna possível.

Em seu último romance, o segundo em que a rasura se torna o principal elemento, os limites entre ficção e autobiografia são levados ao extremo, sem, no entanto, encontrar ponto de apoio no conceito de autoficção. Em *Divórcio*, novamente o enredo é resumido a um ponto de largada – para me utilizar, aqui, de uma metáfora presente em todo o romance, que vai do capítulo-quilômetro um ao quinze, em duas travessias: a da São Silvestre e a da literatura – que pouco se diferencia do de chegada: o divórcio entre Lísias e sua ex-mulher, após um casamento de apenas quatro meses, ao descobrir seu diário íntimo, em que ela afirma que “casei com um homem que não viveu” (p. 128).

Nesse romance, o projeto estético desenvolvido por Lísias é levado ao radicalismo típico do personagem-narrador de ambos os romances: para além de narrador e personagem, Ricardo Lísias se assume como crítico, revisor e, inclusive, editor do próprio livro. Do início ao fim, o romance apresenta-se como uma travessia necessá-

ria para que o personagem, agora revisitado, recupere sua pele, perdida no momento em que descobriu que a ex-mulher escrevia um diário enquanto ele, em um hábito de exposição e vulnerabilidade, dormia nu. Dessa descoberta, nasce um novo surto, característico desse narrador: Lísias-personagem acredita estar fazendo parte de um texto seu, sendo ele, portanto, um de seus personagens.

Logo que se inicia, Lísias-narrador afirma que há aproximadamente onze meses que saiu de casa e, portanto, descobriu o diário da ex-mulher. Dele, os trechos “a Notre Dame é um patrimônio histórico da humanidade” e “pela Broadway, passaram todos os grandes nomes do teatro e do cinema” são constantemente repetidos, quando o autor assume um papel marcado pela ironia e questiona a ética e as incoerências do jornalismo. Sua ex-mulher apresenta-lhe o conceito de *fonte* da forma mais cruel possível: uma de suas fontes, que provavelmente lhe revelou o ganhador do Festival de Cannes de 2011, é o cineasta africano com quem trai o Lísias-personagem. Uma vez descoberto o adultério, instala-se uma luta por espaço que vai da necessidade de preservar sua imagem à de expor-se como forma de salvação. Para isso, o veículo de Lísias é a literatura. Para o personagem, “é a maneira que tenho, silenciosa e discreta, de sair organizadamente da confusão que tantas vezes me assalta por dentro” (p. 37).

Por meio do artifício, Lísias-narrador encontra sua pele restaurada. Do sujeito que ouve gritos de *O céu dos suicidas* ao ausente de pele de *Divórcio*, o narrador reaparece atendendo pelo mesmo nome e tendo experimentado obsessões que, embora diferentes, evidenciam o esfacelamento da unidade identitária e a busca pela recuperação na literatura. Um romance sobre trauma e vulnerabilidade, como afirma Lísias-narrador em diversas partes, *Divórcio*

funciona como uma travessia necessária ao personagem, mas já concluída em seu ponto de partida: uma travessia feita, o romance de Lísias não tem como objetivo contar como se deram os acontecimentos – inclusive, esses acontecimentos são questionados por um narrador que tem poucas certezas e memórias –, e sim refletir a respeito do percurso realizado a partir da separação. *Divórcio* não chega ao clímax; já sai do desfecho.

Nesse contexto, as amarras do conceito de autoficção não sustentam mais os passos do projeto cujo precursor é *O céu dos suicidas*. Os limites questionados vão do personagem ao editor; da realidade à ficção; da tradição realista à emancipação do leitor. A ética talvez corresponda à única discussão constante em todo o romance: do jornalismo, da literatura. Colocando em diálogo a forma – cisão dos limites: monodialogismo, denegação, preterição – com o conteúdo – uma nova cisão dos limites: a travessia literária mistura-se à travessia maratonista, ambas chegando à literatura como instrumento de autonomia: “recorri à literatura porque não tenho mais nada. [...] *Divórcio* é um livro que vai mudando no caminho” (p. 226) –, Ricardo Lísias parece discutir a ética que não se restringe às práticas jornalísticas que envolveram o Festival de Cannes de 2011.

Em um texto veiculado pelo jornal *O Globo* em 2011, Lísias afirma que “já vivi o suicídio de um grande amigo, um divórcio cuja crueldade roubou-me a pele e um par de cerimônias de entrega de prêmios literários. As três circunstâncias carregam o explosivo potencial de revelar a verdade. Todas precisam virar literatura, portanto”. As duas primeiras circunstâncias já viraram literatura. Agora é esperar o livro que trará a terceira.